



## AS EXPLICAÇÕES PRONOMINAIS NAS CRÔNICAS DE EMIR MACEDO NOGUEIRA

Maiara Keiko UNO<sup>1</sup>  
Sandra Aparecida FERREIRA<sup>2</sup>

Recebido: 18/02/2021

Aceito: 16/03/2021

### RESUMO:

O presente trabalho visa a análise de três crônicas do jornalista Emir Macedo Nogueira cujo tema são os pronomes do caso reto em Língua Portuguesa. Para isso, são comparadas explicações de gramáticos como Evanildo Bechara (2009), Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante (2008) e Celso Cunha (2017). A metodologia utilizada pauta-se pelo tripé leitura-análise-síntese, tendo como resultado uma pesquisa qualitativa na qual busca-se apresentar os escritos de Nogueira e seu estilo de escrita, bem como destacar sua originalidade além de seu tempo, uma vez que o autor utiliza-se de um tipo textual essencialmente despretensioso para tecer comentários sobre a língua vernácula com a linguagem mais simples possível para que seja entendido e discutido entre seus leitores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica. Emir Macedo Nogueira. Pronome. *Folha de São Paulo*.

### PRONOMINAL EXPLANATIONS IN EMIR MACEDO NOGUEIRA'S CHRONICLES

#### ABSTRACT:

This paper aims to analyze three chronicles from the journalist Emir Macedo Nogueira. The theme of the referred texts are Portuguese pronouns. To do it, we compare explanations about the topic from specialists as Evanildo Bechara (2009), Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante (2008) e Celso Cunha (2017). The methodology used is based on reading-analyzes-synthesis. The result is a qualitative research where is pursued to present Nogueira's writings and his writing style. Besides it, we aim to show his originality beyond his time whereas the author draws on one textual type apparently simple to write commentaries about the vernacular language using the most possible simple language to be understood and discussed by his readers.

**KEYWORDS:** Chronicle. Emir Macedo Nogueira. Pronoun. *Folha de São Paulo*.

Segundo Antonio Candido (1992), uma crônica é um tipo textual aparentemente despretensioso que, concomitantemente, guarda em si a possibilidade de fazer desabrochar grande sensibilidade, pois é um texto escrito em linguagem próxima ao cotidiano e é justamente o modo como a crônica é construída que lhe permite humanizar aquele que a lê e, conseqüentemente, “[...] recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.” (1992, p. 13-14).

Apesar de aparentemente simples, o gênero textual antes referido possui regras formais que, apesar de flexíveis, devem ser seguidas. Nabantino Ramos (1970), diretor-responsável de 1945 a

<sup>1</sup> Mestra e graduada pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Assis.

<sup>2</sup> Professora Assistente Doutora na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Assis



1962 e um dos proprietários do grupo Folha da Manhã, acreditava que para criar uma crônica é necessário “[...] síntese (nada além de meia coluna), força de expressão, humanidade e sobretudo beleza. A crônica deve ser capaz, senão de comover o leitor, pelo menos de fazê-lo pensar, sentir, ao pôr em movimento algumas de suas emoções.” (RAMOS, 1970, p. 76). Assim, neste artigo, trataremos de um gênero escorregadio, que pode pender para o jornalismo ou para a literatura. Segundo Antonio Dimas (1974, p.49):

Espremida entre o rigor informativo e a liberdade verbal, a crônica condensa a tensão narrativa exemplar, cuja fidelidade ao histórico está constantemente ameaçada pela liberdade criativa. Diante do cronista, o fato se desfolha, se desventura e, eventualmente, se torna tão ambíguo quanto a própria linguagem que o moldou. Se a literatura não precisa, em princípio, de nenhum compromisso com a realidade histórica, o mesmo já não pode ocorrer com a crônica, cujo motor de arranque é o cotidiano.

As crônicas de Emir Macedo Nogueira (1927-1982) publicadas na *Folha de São Paulo* são de cunho jornalístico, pois, embora impecavelmente escritas, nas crônicas de Nogueira destaca-se a função metalinguística (JAKOBSON, 2003) nos textos, de modo que o cronista possa refletir sobre a Língua Portuguesa. Assim, mesmo que o componente poético seja verificável em algumas das crônicas de Emir Nogueira, esse não é o centro do texto do autor uma vez que, de modo muito claro, Macedo busca, sobretudo, informar e formar seu leitor. Tal fato é comprovado e se concretiza por meio das discussões linguísticas elaboradas pelo autor.

O jornalista e professor Emir Macedo Nogueira, por mais de uma década, cultivou a crônica em sua coluna dominical denominada *A Língua Nossa de Cada Dia* (1968-1982), cujo objetivo era a reflexão sobre questões linguísticas por meio da observação de temas cotidianos. Desde o início, Nogueira se propôs a discutir os temas selecionados com base em sua vivência diária. Assim, suas crônicas pretendem ser um alento para aqueles que se encontram em dificuldade frente às dúvidas diárias do uso da língua

[...] apenas um auxiliar para professores e estudantes e para todos aqueles que geralmente não encontram nas gramáticas respostas para suas dúvidas. Evitando sempre o tom professoral das velhas “seções de Português”, “A língua nossa de cada dia” procura ser apenas um elo entre o jornal e o leitor, servindo a este numa área em que são grandes as dificuldades e as hesitações. (AS Teses..., 1976, Caderno Especial, p. 04)

O objetivo deste artigo é apresentar a maneira como o referido autor constrói suas crônicas acerca dos encantos e desencantos da Língua Portuguesa. Para isso, selecionamos um rol



demonstrativo de explicação pronominal. Para iniciar a reflexão, é necessário recuperar algumas definições de pronome.

Segundo o dicionário *Michaelis* online, pronome é “1 Vocábulo que substitui ou modifica o nome ou um sintagma nominal.; 2 Palavra que representa cada um dos três elementos do discurso ou determina os nomes substantivos em função desses elementos: falante, ouvinte e assunto.” (MICHAELIS, 2021). De acordo com Bechara (2009), um pronome “é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto”. (BECHARA, 2009, p. 139). Por sua vez, Cipro Neto e Infante (2008) definem pronomes como, “[...] palavras que representam os seres ou se referem a eles. Podem substituir os substantivos ou acompanhá-los, para tornar-lhes claro o sentido.” (CIPRO NETO; INFANTE, 2008, p. 279) e completam “Há seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos. [...]” (CIPRO NETO; INFANTE, 2008, p. 280). Trataremos especificamente dos pronomes pessoais para considerar as crônicas aqui analisadas cujos títulos são: “Entre mim” (1976), “Não deixe ele...” (1973) e “A mistura de pronomes no linguajar paulista” (1968).

A crônica “Entre mim” (NOGUEIRA, 1976) discute o uso corrente da expressão “entre eu” em detrimento daquela que intitula o texto, “entre mim”, sintagma considerado normativamente correto. Tal desacordo entre o uso e a norma se deve à necessidade do emprego do pronome tônico “mim” uma vez utilizada uma preposição essencial “entre”. De maneira sucinta, o autor destaca quais são esses pronomes e continua em sua explicação técnica sobre o seu uso em conjunto com as preposições essenciais:

Repare-se que não importa, no caso, a distinção pronomes do caso reto/do caso oblíquo. O que interessa, para efeito de regência de preposição, é serem os pronomes tônicos e átonos. Na prática, convém ter em mente que **eu** e **tu** são os únicos pronomes do caso reto que nunca podem vir regidos por preposição, pois funcionam sempre como sujeito e sujeito não pode ser preposicionado. (NOGUEIRA, 1976. Negrito do autor)

Desse modo, a partir de um único fato – neste caso, a declaração do então governador Paulo Egídio<sup>3</sup> em relação a possíveis divergências com outros políticos –, Macedo Nogueira explora dois assuntos complementares: o uso de preposições e os tipos de pronomes que devem ser utilizados ou não junto a elas.

<sup>3</sup> “O governador Paulo Egídio desmentiu outro dia divergências “entre eu e o Laudo Natel, entre eu e os ex-governadores Abreu Sodré, Carvalho Pinto e Lucas Nogueira Garcez, entre eu e qualquer companheiro de nosso partido”. Assim, pelo menos, os jornais já registraram o pronunciamento. Aquele entre eu, várias vezes repetido, merece reparos.” (NOGUEIRA, 1976).

UNO, Maiara Keiko; FERREIRA, Sandra Aparecida. As explicações pronominais nas crônicas de Emir Macedo Nogueira. In: *Revista Falas Breves*, n. 9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves, Breves-PA. ISSN 23581069



Nota-se que a crônica é construída tal qual uma matéria de jornal, isso é, utilizando-se do discurso jornalístico que tem como núcleo a função referencial, no caso, a declaração do então governador, para abranger as questões gramaticais e promover o exercício metalinguístico que se efetiva nas crônicas (AZEVEDO, 2007).

Fato semelhante ocorre na coluna de Pasquale Cipro Neto (2002), na qual o autor remete a grandes nomes da gramática normativa como figura de autoridade para embasar seu texto:

Nos clássicos e nos modernos, não faltam exemplos desse emprego: "Foi um duelo entre mim e a velhice" (M. de Assis, citado por Celso Cunha e Lindley Cintra); "Por que vens, pois, pedir-me adorações quando entre mim e ti está a cruz ensanguentada do calvário?" (A. Herculano, também citado por Cunha e Cintra); "Entre mim e os mortos há o mar/ e os telegramas" (C. Drummond de Andrade). Apesar de seu enfado com a modernice, o moderno, no caso, é Drummond ("E como ficou chato ser moderno./ Agora serei eterno."). No "Aurélio", encontra-se este exemplo: "Entre mim e Paulo vai tudo bem". (CIPRO NETO, 2002)

A partir da leitura e comparação das crônicas em análise, percebe-se que ambos os colunistas concordam em suas afirmações e explicações gramaticais e, além disso, as duas crônicas apontam o fato de que, apesar da construção “entre mim” ser a normativamente correta, ela é pouco utilizada no registro coloquial da língua. Bechara (2006), em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, explicita o mesmo fenômeno:

As formas eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas, que funcionam como sujeito, se dizem retas. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, as tônicas vêm sempre presas a preposição (BECHARA, 2006, p. 139).

Apesar de utilizar uma linguagem técnica tal qual os outros autores aqui apresentados, a diferença é que Nogueira redige um texto que se pretende o mais simples possível, o que notamos ao perceber a posição que o autor toma como figura de autoridade em sua própria crônica, dispensando o uso e citação de gramáticos consagrados.

Já na crônica “Não deixe ele...” (1973) temos a análise do uso do pronome pessoal do caso reto “ele” como objeto direto – posicionamento errôneo de acordo com o acordo ortográfico vigente, como instrui a *Nova gramática do Português contemporâneo* (CUNHA, 2017). O pronome referido é responsável por indicar as pessoas do discurso e sua função sintática é a de sujeito ou predicativo do sujeito na oração. Então, não pode ser utilizado, segundo a norma gramatical, na função de objeto direto, que deverá ser exercida pelo pronome pessoal oblíquo átono “o”. Como Cunha argumenta: “Quando o pronome oblíquo da 3.a pessoa, que funciona como objeto direto,



vem antes do verbo, apresenta-se sempre com as formas *o*, *a*, *os*, *as*” (CUNHA, 2017, p. 291. Itálicos do autor). Desse modo, “não deixe ele...”, título da crônica e sintagma gramaticalmente incorreto – como aponta a crônica ao relatar um painel com mensagem de fim de ano exaltando o Amor cujos dizeres finais são a frase que intitula a referida crônica – tem por arranjo normativo correto “não o deixe”.

Na crônica “Não deixe ele...”, mais do que nas demais crônicas aqui analisadas, temos uma ponderação entre o uso formal e o coloquial que acompanha toda a argumentação gramatical: “[...] Na linguagem falada, familiar ou coloquial, não haveria reparos a fazer. Do ponto de vista da gramática tradicional, porém, que cumpre respeitar na linguagem literária, só poderíamos ter: ‘não o deixe faltar’.” (NOGUEIRA, 1973). Explicação semelhante é encontrada na *Gramática da Língua Portuguesa* (2008):

Na língua culta, formal – falada ou escrita –, esses pronomes não devem ser usados como complementos verbais. Frases como “Eu vi ele na rua”, “Encontrei ela na praça”, “Trouxeram eu até aqui”, comuns na língua oral cotidiana, não são aceitas no padrão formal da língua. Na língua culta, devem ser usados os pronomes oblíquos correspondentes [...] (CIPRO NETO; INFANTE, 2008, p. 280).

Desse modo, observa-se que a construção da crônica é baseada na leitura normativa do sintagma que intitula a crônica, mas, mesmo assim, reconhece-se o erro gramatical como uso coloquial válido da língua, considerado aceitável dentro desse contexto específico, como pode ser observado no excerto a seguir:

Sem querer complicar as coisas, insistamos num ponto: há inegável tendência popular (alguns a consideram um brasileirismo) em favor do uso dos pronomes do caso reto como objeto direto – pega ele, é a exclamação espontânea entre nós – e essa tendência vai refletir-se nas construções do tipo que examinamos. De acordo, entretanto, com os padrões da língua culta, tanto deixei ele como deixei ele faltar são construções que devem ser evitadas (NOGUEIRA, 1973).

A partir da análise dessa crônica podemos considerar que proposições próprias da Sociolinguística – um braço da Linguística que tem como objeto de estudo a relação da língua com a sociedade – como a variação de situação ou contexto social (CAVALCANTE, s. d.), são encontradas nas crônicas de Nogueira, o que nos indica um professor – Emir Macedo foi professor de Jornalismo durante oito anos na Faculdade Cásper Líbero e professor de Língua Portuguesa na Escola Estadual Antônio Raposo Tavares, de Osasco/SP, por mais de uma década (EMIR M. Nogueira, jornalista e professor, 1982) – atento às novidades acadêmicas de seu tempo.

Temos novamente o mesmo modo de construção textual se compararmos essa segunda crônica com a primeira: o ponto de partida é um fato do cotidiano que é utilizado para o UNO, Maiara Keiko; FERREIRA, Sandra Aparecida. As explicações pronominais nas crônicas de Emir Macedo Nogueira. In: *Revista Falas Breves*, n. 9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves, Breves-PA. ISSN 23581069



desenvolvimento e reflexão de assuntos teóricos acerca de explicações gramaticais e, posteriormente, a crônica se encerra com o retorno ao fato inicialmente apontado como fator inicial do diálogo estabelecido com o leitor. Assim como preconizado por Dimas (1974), “[...] o bom cronista não isola, lado a lado, o fato e sua interpretação pessoal. Antes, mescla-os, solda-os numa tessitura tensa, [...]” (DIMAS, 1974, p. 50), que é o que Emir Nogueira faz com maestria, como podemos observar nas crônicas analisadas e, mais especificamente, no excerto a seguir: “Num grande painel, uma mensagem de fim de ano exalta o Amor, rematando assim seus dizeres: “Não deixe ele faltar em 74”. Na linguagem falada, familiar, ou coloquial, não haveria reparos a fazer. Do ponto de vista da gramática tradicional [...]” (NOGUEIRA, 1973).

O mesmo modelo textual é utilizado novamente para compor a crônica “A mistura de pronomes no linguajar paulista” (1968), na qual Macedo Nogueira discorre sobre a ausência do pronome pessoal do caso reto “tu” e, em contrapartida, do uso corrente do pronome oblíquo “te”. A referida discussão linguística se inicia pelos versos de uma música popular da época cujo título não é citado. Se explorarmos o campo da sociolinguística, falaremos de variações diatópicas ou geográficas que são compatíveis com o recorte feito pelo autor, isto é, cidadãos paulistas.

Concomitantemente, quando o cronista compara seu corpus inicial com outros dialetos do português brasileiro, nota-se que, de fato, trata-se de um fenômeno que não ocorre em outras regiões do país: “Em outras regiões brasileiras – Rio, Norte/Nordeste, Rio Grande do Sul – o *tu* resiste mais, apesar da concorrência de *você*, só que a tendência é flexionar o verbo na 3.ª pessoa: *tu é, tu vai, tu faz*. Isso é raro em São Paulo.” (NOGUEIRA, 1968). Cunha (2017) concorda com Nogueira ao escrever:

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. (CUNHA, 2017, p. 306. Itálicos do autor)

Nogueira elucida todas as regras que acompanham o tema especificado, mas, no fim, a força do uso da língua praticamente se sobrepõe à gramática:

É escusado dizer que na língua culta essa mistura de tratamentos não se admite. É quase impossível evita-la, porém, na linguagem coloquial, no descuidado linguajar de todo dia, ou quando se tem a preocupação de reproduzir com fidelidade o modo de o povo expressar-se. De qualquer forma, se não de ser infligidas as regras gramaticais, é preferível ficar com o povo (misturando, no caso, *você* com *te*) a descambar para o pedantismo e sair por aí dizendo bobagens como – “Há quanto tempo eu não *lhe* via?”. (NOGUEIRA, 1968. Itálicos do autor)



Apesar do favorecimento da norma culta, há a viabilidade de um debate acerca dos modos de se usar a língua em determinados espaços e situações ao invés da simples imposição dos preceitos linguísticos acerca do tema em análise. Assim, entende-se que a função social (CANDIDO, 2006) da crônica está em evidência.

O termo cunhado por Candido pode ser assim elucidado: “A função social [...] comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade” (CANDIDO, 2006, p. 54); e ainda “[...] Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. [...]” (CANDIDO, 2006, p. 55). Assim, entendemos que a comunicação é a chave nas crônicas de Nogueira, seja por meio dos exemplos cotidianos que servem de ponto de partida para as crônicas, seja pelas discussões ali fomentadas, o que realmente é buscado é a comunicação: deseja-se alcançar um leitor específico, pois o texto veicula-se num espaço específico, o jornal *Folha de São Paulo*, cujo leitor possui um determinado perfil socio-intelectual.

Diferentemente da maioria dos gramáticos, Emir Macedo Nogueira discute o tema ao invés de simplesmente sancioná-lo ou rejeitá-lo. Suas crônicas se constituem como espaços de reflexão e ponderação, ao invés de se apresentarem como locais de normas rígidas. Geralmente há uma preferência pela norma culta, como podemos observar pela análise das crônicas elencadas neste artigo, mas nunca se descarta o uso popular e sempre se lembra que há maneiras e situações que englobam ambas as ocorrências ou, ao menos, destaca-se a linguagem coloquial como válida assim como preconiza a Sociolinguística.

Acreditamos que as crônicas de Emir Macedo Nogueira, na coluna “A Língua Nossa de Cada Dia” publicada na *Folha de São Paulo* de fins dos anos 1960 a inícios dos 1980, contribuíram para dar visibilidade e popularidade às questões da língua falada e escrita por meio de fatos cotidianos diversos, utilizados para alavancar suas explanações sobre aspectos linguístico-gramaticais da Língua Portuguesa brasileira e para explicitar tensões sócio-políticas de sua época. No amplo conjunto das crônicas que nos legou o jornalista da *Folha de São Paulo* a reflexão sobre, por exemplo, o uso do vocativo, a ocorrência de homonímia, o nome de uma cor ausente do vocabulário oficial, a variação sufixal, ou as sutilezas semânticas da expressão “zero hora” vinculam-se, respectivamente, a fatos como a morte então recente da mãe do jornalista, o alto valor do passe do jogador de futebol Tostão contraposto à pouca monta da moeda homônima, a inusual cor magenta da nota de cem cruzeiros, a ausência de sistematização para designar torcedores dos



times nacionais, o constante remarcar de preços em tempos sombrios de inflação. Ler Emir Macedo Nogueira é uma via para redescobrir as relações estabelecidas entre fatos linguísticos e fatos cotidianos, para dar mais sabor a “A Língua Nossa de Cada Dia”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ensaio “A vida ao rés-do-chão”, Antonio Candido avalia decisivamente o legado da crônica na literatura brasileira: “A perspectiva da crônica não é a daqueles que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão” (CANDIDO, 1992, p. 14). Emir Macedo Nogueira adota em suas crônicas sobre a língua portuguesa procedimentos retóricos simples para evidenciar a centralidade da língua na vida dos leitores, por meio de um recurso de composição que tende a investir, como demonstrado neste artigo, na relação de causalidade aparentemente aleatória entre fatos cotidianos e fatos linguísticos como via de acesso pleno à “língua nossa de cada dia”.

Como consideração final, apontamos o fato de que Nogueira trata com maestria as questões gramaticais que se propõe a discutir. Comparado a gramáticos ou divulgadores de normas gramaticais, o perfil de suas explicações, sucintas e eficientes como exige o gênero em que escreve, é tão abrangente quanto as de Bechara (2009), Cipro Neto e Infante (2008) ou Cunha (2017). O que, porém, os diferencia é o fato de Emir Nogueira ser bem menos prescritivo que os demais, ousando dar boas-vindas explícitas ao uso coloquial da língua quando essa se encontrar em ambiente adequado.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aline Fernandes. O discurso jornalístico e as revistas semanais: algumas considerações sobre gêneros discursivos. In: MIOTELLO, V. (Org). **Lago dos signos: identidade, discurso, memória**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p. 17-25.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Disponível em <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4198645/mod\\_folder/content/0/2%20Bibliografia%20de%20Refer%C3%Aancia/BECHARA\\_ModernaGramaticaPortuguesa.pdf?forcedownload=1](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4198645/mod_folder/content/0/2%20Bibliografia%20de%20Refer%C3%Aancia/BECHARA_ModernaGramaticaPortuguesa.pdf?forcedownload=1)>. Acesso em 12 fev. 2021.

CANDIDO, A. Estímulos da criação literária In **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2006.

CANDIDO, A. et. al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

UNO, Maiara Keiko; FERREIRA, Sandra Aparecida. As explicações pronominais nas crônicas de Emir Macedo Nogueira. In: *Revista Falas Breves*, n. 9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves, Breves-PA. ISSN 23581069



CAVALCANTE, M. C. B. **Sociolinguística**. S. l.: s. d. Disponível em: <[http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/sociolinguastica\\_1330351479.pdf](http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/sociolinguastica_1330351479.pdf)>. Acesso em 12 fev. 2021.

CIPRO NETO, P. Do muito ou pouco que houve entre você e eu. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 de jun. de 2002. Cotidiano, s. p. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1807200202.htm>>. Acesso em 12 fev. 2021.

CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. Estudo dos pronomes In **Gramática da Língua Portuguesa**. 3 ed. São Paulo: Scipione, 2008. Disponível em: <<https://ia600404.us.archive.org/2/items/PASQUALEULISSES.GramaticaDaLinguaPortuguesa/PASQUALE,%20ULISSES.%20Gram%C3%A1tica%20da%20L%C3%ADngua%20Portuguesa.pdf>>. Acesso em 12 fev. 2021.

CUNHA, C. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017. Disponível em: <<https://www.pdfdrive.com/nova-gram%C3%A1tica-do-portugu%C3%AAs-contempor%C3%A2neo-d158269812.html>>. Acesso em 12 fev. 2021.

DIMAS, A. **Ambiguidade da crônica**: literatura ou jornalismo? Rio de Janeiro: Littera, v. 4, n. 12, p. 46-51, 1974. EMIR M. Nogueira, jornalista e professor. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 set. 1982. 1º caderno, p. 08. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=8162&anchor=4204258&pd=b3941dba416fa79932aafff629aa3e45>>. Acesso em 12 fev. 2021.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2003.

NOGUEIRA, E. M. A mistura de pronomes no linguajar paulista. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 08 set. 1968. Ilustrada, p. 02. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=3045&anchor=5164604&pd=65a0e3fee51e899ad25a33a5c05bfdc3>>. Acesso em 01 dez. 2020.

NOGUEIRA, E. M. Entre mim. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 set. 1976. Local/Educação, p. 06. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=5971&anchor=4262417&pd=d41b30e175398769aec307995d367d74>>. Acesso em 01 dez. 2020.

NOGUEIRA, E. M. Não deixe ele... **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 dez. 1973. Primeiro Caderno, p. 13. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=4984&anchor=4413651&pd=e639799f914e50e6058a49c63a9d6e09>>. Acesso em 01 dez. 2020.

PRONOME. **Michaelis UOL**. Editora Melhoramentos. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=pronome>>. Acesso em 12 fev. 2021.

RAMOS, José Nabantino. Crônica IN **Jornalismo**: dicionário enciclopédico. São Paulo: IBRASA, 1970. p. 76.

UNO, Maiara Keiko; FERREIRA, Sandra Aparecida. As explicações pronominais nas crônicas de Emir Macedo Nogueira. In: *Revista Falas Breves*, n. 9, junho, 2021, Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves, Breves-PA. ISSN 23581069